

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

BÁRBARA DE FALCHI

**UM ESTUDO SOBRE A ORIENTAÇÃO SEXUAL, IDENTIDADE DE GÊNERO E  
LGBTFOBIA JUNTO AOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA  
FEDERAL DO PARANÁ - CÂMPUS CORNÉLIO PROCÓPIO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CORNÉLIO PROCÓPIO  
2021



BÁRBARA DE FALCHI

**UM ESTUDO SOBRE A ORIENTAÇÃO SEXUAL, IDENTIDADE DE GÊNERO E  
LGBTFOBIA JUNTO AOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA  
FEDERAL DO PARANÁ - CÂMPUS CORNÉLIO PROCÓPIO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado à disciplina TCC 2, do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná — UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Molina de Souza

CORNÉLIO PROCÓPIO

2021





---

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Bárbara de Falchi**

**Um estudo sobre a orientação sexual, identidade de gênero e LGBTfobia junto aos estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Cornélio Procópio**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado às 16:00 no dia 07/05/2021, do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná — UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Matemática. O candidato foi arguido pela Banca Avaliadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação a Banca Avaliadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof. Dr. Roberto Molina de Souza  
(Orientador)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elisangela Ap. da Silva Lizzi

---

Prof. Dr. Cristiano Marcos Agulhari



Aos meus avós Lair e Helena que me incentivaram desde meus anos iniciais na escola, me ajudando todos os dias nas tarefas escolares.





## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e forças para superar as dificuldades.

Aos meus pais por sempre me incentivarem a nunca desistir daquilo que desejo, pelo apoio incondicional nas minhas decisões acadêmicas e por se mudarem de estado, para uma cidade onde não conheciam ninguém apenas para me apoiarem nessa minha caminhada.

À minha irmã pela amizade, apoio e por também ter embarcado nessa loucura de mudar de cidade, tendo que reconstruir novos laços apenas para me apoiar nesta etapa.

Ao professor Roberto, por toda ajuda e paciência no processo de definição e orientação, de todos os trabalhos que já me acompanhou.

A todos os professores que já passaram na minha vida até este momento, que de alguma forma fizeram toda diferença para que o amor e a admiração por essa profissão crescessem cada vez mais em mim.

Aos meus três melhores amigos: Ana Carolina, Ariane e Paulo que fizeram dessa jornada mais prazerosa, por estarem sempre ao meu lado, por se tornarem a minha família a qual levarei para o resto da vida.

À minha namorada por aguentar minhas oscilações de humor devido aos momentos de nervosismo dessa caminhada, por todo amor, cuidado e companheirismo.

Ao meu tio Davi por ter me presenteado com o meu primeiro notebook para que eu pudesse vir para a faculdade com este amparo.

E por fim, a todos os funcionários da UTFPR do campus de Cornélio Procópio que são essenciais para fazer dela uma ótima universidade, onde pude passar anos incríveis.



"Temos que ser visíveis. Não devemos ter vergonha de quem somos."

Sylvia Rivera



## RESUMO

FALCHI, Bárbara de. **Um estudo sobre a orientação sexual, identidade de gênero e LGBT-fobia junto aos estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Cornélio Procópio**. 2021. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Matemática. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Cornélio Procópio, 2021

A luta dos movimentos relacionados aos grupos LGBTQIA+ sempre tiveram muita importância para um estado democrático de direito e, neste momento onde se vive uma polarização evidente na sociedade em diversos aspectos, este dualismo acaba expondo as minorias. Neste sentido, se aprofundar no entendimento, de forma científica, destes processos excludentes, pode ser de grande valia. Este trabalho tem como objetivo geral estimar a proporção de estudantes quanto a sua orientação sexual, bem como aplicar uma escala de homofobia manifesta e sutil junto aos estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Cornélio Procópio. Foi revisado o métodos para validação do questionário (alpha de Cronbach) bem como intervalos de confiança para a proporção e teste Qui-Quadrado. Dos resultados obtidos neste trabalho, pode-se estimar que 23% a 35% de estudantes do campus não são heterossexuais, sendo a maioria mulheres. Observou-se também que na maioria dos não heterossexuais, os pais desconhecem sua orientação sexual, participam de coletivos e proporcionalmente fazem mais acompanhamento psicológico quando comparado aos heterossexuais. Finalmente, tem-se a necessidade de campanhas de conscientização na busca de empatia quanto a estas questões no sentido das conquistas de igualdade entre todas as pessoas, independente de credo, raça, orientação sexual, entre outras, principalmente no ambiente acadêmico de formação profissional.

**Palavras-chave:** Análise Multivariada. LGBTfobia. Orientação sexual. Identidade de gênero



## ABSTRACT

FALCHI, Bárbara de. **A study about sexual orientation, gender identity and LGBT phobia among students of the Federal Technological University of Paraná - Campus Cornélio Procópio**. 2021. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Matemática. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Cornélio Procópio, 2021

The struggle of movements related to LGBTQIA + groups has always been very important for a democratic state of law and, at this moment when there is an evident polarization in society in several aspects, this dualism ends up exposing itself as minorities. In this sense, deepening the scientific understanding of these exclusionary processes can be of great value. This work has the general objective of estimating the proportion of students regarding their sexual orientation as well as applying a scale of manifestation of homophobia and using it with students from the Federal Technological University of Paraná, Câmpus Cornélio Procópio. The methods for validating the questionnaire (Cronbach's alpha) as well as confidence intervals for the proportion and Chi-square test were reviewed. From the results obtained in this work, it can be estimated that 23% to 35% of students on campus are not heterosexual, the majority being women. It was also observed that in most non-heterosexuals, parents are unaware of their sexual orientation, participate in collectives and proportionally do more psychological monitoring when compared to heterosexuals. Finally, there is a need for awareness campaigns in search of empathy regarding these issues in the sense of achieving equality among all people, regardless of creed, race, sexual orientation, among others, especially in the academic environment of professional training.

**Keywords:** Multivariate analysis. LGBT phobia. Sexual orientation. Gender identity





## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Tabela de contingência - Valores Observados. . . . .	32
TABELA 2 – Tabela de contingência - Valores Esperados. . . . .	32
TABELA 3 – Valores de alfa de Cronbach. . . . .	33
TABELA 4 – Descrição da Amostra Segundo Orientação sexual e teste Qui-Quadrado - Parte 1. . . . .	34
TABELA 5 – Descrição da Amostra Segundo Orientação sexual e teste Qui-Quadrado - Parte 2. . . . .	35
TABELA 6 – Análise: Questão 1. . . . .	36
TABELA 7 – Análise: Questão 7. . . . .	36
TABELA 8 – Análise: Questão 8. . . . .	36
TABELA 9 – Análise: Questão 11. . . . .	37
TABELA 10 – Análise: Questão 13. . . . .	37
TABELA 11 – Análise: Questão 15. . . . .	37



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>23</b>
2.1	DIREITOS E CONQUISTAS	23
2.2	HOMOFOBIA E QUESTÕES ASSOCIADAS AO GRUPO LGBTQIA+	25
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>29</b>
3.1	ALFA DE CRONBACH	29
3.2	INTERVALO DE CONFIANÇA PARA A PROPORÇÃO	31
3.3	TESTE QUI-QUADRADO	31
<b>4</b>	<b>CASUÍSTICA E RESULTADOS</b>	<b>33</b>
4.1	VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO: ALFA DE CRONBACH	33
4.2	PREVALÊNCIA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL E ASSOCIAÇÕES	33
4.3	ANÁLISE DE ESCALA DE HOMOFOBIA	35
4.3.1	Homofobia explícita	36
4.3.2	Homofobia implícita	37
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO</b>	<b>39</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>41</b>
<b>A</b>	<b>PARECER - CEP</b>	<b>45</b>
<b>B</b>	<b>INSTRUMENTO</b>	<b>55</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Uma etapa muito importante na vida de todas as pessoas é a adolescência e juventude. É nesta etapa que os processos de construções sociais, culturais, político-econômicas, territoriais e relacionais se desenvolvem. Neste período os jovens e adolescentes estão em vulnerabilidade por muitas mudanças e construções. No caso dos LGBTQIA+ (L: Lésbicas; G: Gays; B: Bissexuais; T: Transexuais; Q: *Queer*; I: Intersexo; A: Assexual; +: todas as possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero que existam), que expõem de maneira pública seus desejos e identificações sexuais, a discriminação e o preconceito potencializam essa vulnerabilidade.

A sociedade se fundamenta no dualismo heterossexual e homossexual, mas sempre priorizando a heterossexualidade, e uma divisão binária de gênero que se identifica com o feminino ou o masculino em coerência ao sexo biológico correspondente. Butler e Aguiar (2015), em sua obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, se pergunta se o “sexo” teria uma história ou se é uma estrutura dada, isenta de questionamentos em vista de sua indiscutível materialidade.

Com base na ideia de Joan Scott, que pode ser revisitada em Siqueira (2008), Butler e Aguiar (2015) referem-se ao corpo e o sexo, separando a ideia de sexo *versus* gênero, sendo que só poderíamos desenvolver teoria social sobre o gênero, enquanto o sexo pertenceria ao corpo e à natureza.

Em nossa sociedade estamos diante de uma “ordem compulsória” que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo / prática que são obrigatoriamente heterossexuais. Para que essa lógica empregada pela sociedade tenha um fim, Butler e Aguiar (2015) destacam a necessidade de subverter a ordem compulsória, acabando com a obrigatoriedade entre sexo, gênero e desejo. Os autores acreditam que esse fim se dará com a repetição de atos, gestos e signos, do âmbito cultural, que reforçariam a desconstrução dos corpos masculinos e femininos tais como nós os vemos atualmente.

Indivíduos que desviam dessa norma comumente enfrentam dificuldades para serem aceitos pela sociedade, podendo sofrer agressões físicas, verbais, sexuais, *bullying*, estigmatização social, discriminação no trabalho, na família e nos serviços públicos, além de desigualdade de acesso aos direitos como os de educação e saúde (BRAGA et al., 2018).

Ainda no escopo de Braga et al. (2018), no que se refere à violência na esfera familiar, esta pode surgir quando a família não faz o acolhimento ou obriga a pessoa a não revelar a sua identidade e orientação sexual para outras pessoas. Isso pode acarretar no afastamento dos adolescentes e jovens não heterossexuais de seus lares de forma involuntária ou por serem expulsos de casa, precisando construir um novo referencial familiar a partir de recursos da comunidade e / ou do grupo de amigos, pois se vê sem amparo e apoio. Não poder contar com o apoio social de outras pessoas é um dos aspectos de vulnerabilidade que pessoas LGBTQIA+ precisam enfrentar ao revelarem sua orientação sexual.

Uma das formas de luta da comunidade LGBTQIA+ são as Paradas do Orgulho LGBT

que ocorrem de forma organizada em muitos países. Para que este evento acontecesse da forma que é hoje, foi preciso um ato nada pacífico e organizado lembrado como Revoltas de Stonewall (EDSALL, 2003), acontecido na madrugada do dia 28 de junho de 1969 em um bar no bairro do Greenwich Village, em Nova York, chamado Stonewall Inn. Essas revoltas até hoje são vistas como o acontecimento recente mais importante para a liberação do movimento gay e a luta pelos direitos LGBTQIA+ nos EUA e no mundo.

De acordo Reis (2012), a 1ª Parada LGBT do Brasil foi realizada em São Paulo dia 28 de junho de 1997. Também foram realizadas paradas em outras capitais, como Rio de Janeiro e Curitiba. As primeiras paradas tiveram pouca participação, mas foram crescendo e se transformaram em eventos de visibilidade massiva em todo o país e um momento de reivindicação política. Em 2010 houve mais de 200 paradas e eventos de comemoração do orgulho LGBT em todo o país, e nos últimos anos a parada de São Paulo tem atraído mais de três milhões de participantes. Sem dúvida a visibilidade trazida pelas paradas tem contribuído para a mudança da postura dos governos e o estabelecimento de políticas públicas afirmativas para a população LGBTQIA+.

De acordo com o Instituto Modo Parités<sup>1</sup>, a comunidade LGBTQIA+ ao longo dos anos foram conquistando direitos que tanto reivindicam. Por exemplo, no dia 17 de maio de 1990 a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença e o termo “homossexualismo” foi retirado da Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde. Outro fato relevante que deu maior visibilidade à causa LGBTQIA+ foi a descoberta da AIDS, para a qual os homossexuais foram classificados como um “grupo de risco”. Para combater a nova doença e a nova carga de preconceito que ela trazia, vários ativistas se uniram, criando associações de combate à AIDS, como o Grupo Gay da Bahia (GGB), em 1980 e o Triângulo Rosa, do Rio de Janeiro, também do mesmo ano. Apenas em 8 de maio de 2020 que o STF derrubou a restrição que proibia homossexuais de doarem sangue.

Por outro lado, mesmo com as diversas mudanças e melhoras ocorridas nas últimas décadas, estas não foram capazes de desconstruir ou eliminar o medo e a insegurança de revelar a sexualidade homossexual, nas quais os sujeitos irão negociar constantemente sua visibilidade e a aceitabilidade de seus desejos e vida íntima (SEDGWICK, 2007).

Assim, revisitar e resgatar todo este histórico de lutas e conquistas bem como compreendê-lo a luz do meio em que vivemos torna-se fundamental dentro de um escopo local, sendo que abordagens científicas podem enriquecer as discussões e subsidiar avanços efetivos.

Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho é estimar a proporção de estudantes quanto à sua orientação sexual, o conhecimento dos pais a respeito desta variável entre outras questões, bem como aplicar uma escala de homofobia manifesta e sutil junto a estes estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Cornélio Procópio.

---

<sup>1</sup> <https://www.modoparites.com.br/single-post/2020/05/21/a-luta-da-comunidade-lgbt-principais-conquistas-e-desafios>

Os objetivos específicos que possibilitarão alcançar o objetivo deste trabalho são:

- Revisar a literatura referente ao tema deste trabalho;
- Elaborar o questionário na ferramenta *Google forms* uma vez aprovado pelo Comitê de ética em pesquisa (CEP) da UTFPR;
- Revisar as ferramentas estatísticas utilizadas para análises deste estudo, tanto no escopo descritivo / conclusivo quanto na qualidade das respostas recebidas pelo instrumento aplicado;
- Enviar os questionários aos estudantes e, após as respostas, preparar a planilha e análises estatísticas;
- Redigir e apresentar o trabalho final.

Este trabalho justifica-se em dois aspectos: a importância do tema aqui apresentado e investigação na forma de pesquisa científica junto à comunidade acadêmica da UTFPR-CP, e a possibilidade do aluno ter contato com as metodologias estatísticas de análise de dados que não são vistas durante o seu curso de graduação

A organização do trabalho é descrita a seguir: no próximo capítulo é apresentado o referencial teórico dividido em duas subseções sendo os direitos e conquistas do público LGBTQIA+ e demais questões associadas a homofobia. No Capítulo 3 apresenta-se a metodologia estatística para a validação da escala aplicada na população em estudo bem como o ferramental estatístico para o tratamento estatístico dos dados. No Capítulo 4 são descritos os dados e resultados enquanto no Capítulo 5 é apresentada a discussão dos resultados obtidos neste trabalho. Finalmente, nos Apêndices encontram-se o parecer de aprovação deste projeto no CEP e o instrumento utilizado.





## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico será dividido em duas partes. Na primeira parte é apresentado um breve histórico dos movimentos de luta LGBTQIA+ que levaram às conquistas de alguns direitos básicos antes restritos apenas aos heterossexuais. Na sequência é apresentada uma revisão de literatura relevantes quanto à homofobia e questões associadas ao grupo LGBTQIA+.

### 2.1 DIREITOS E CONQUISTAS

Alguns autores como Green (2010), Okita (2007) e MacRae (2011) citam que a luta contra a discriminação dos homossexuais surgiu na Europa, no século XIX. Por outro lado, Berutti (2010) afirma que o surgimento do movimento de defesa dos direitos da comunidade LGBTQIA+ se dá nos Estados Unidos, ao longo do século XX. Em 1950, onde se formou a Mattachine Society, que era uma organização política semi clandestina de gays e lésbicas que tinha como objetivo a integração dos homossexuais na sociedade, influenciou outros países da América e da Europa.

A Revolta de Stonewall, que ocorreu no dia 28 de junho de 1969, foi um episódio que marcou para sempre a militância LGBTQIA+ de todo o mundo. Um ano depois, aconteceu uma passeata que reuniu cerca de dez mil homossexuais, para comemorar esta Revolta, e o dia 28 de junho ficou conhecido como Dia do Orgulho Gay. A partir disso, foi formada a *Gay Liberation Front* (Frente de Libertação Homossexual) que teve implicações mundiais, pois centenas de organizações de homossexuais começaram a surgir (OKITA, 2007; MACRAE, 2011).

As ações da *Gay Liberation Front* se espalharam por outros estados americanos, surgindo assim lideranças do movimento homossexual, como Harvey Milk, em São Francisco. Harvey Milk foi o primeiro militante gay assumido que foi eleito à um cargo público nos Estados Unidos. Após sua conquista, foi assassinado à queima roupa por outro supervisor que não admitia a ascensão dos direitos dos homossexuais. A vida e o ativismo de Milk se tornaram uma das referências do movimento homossexual no mundo.

Green (2010), historiador e pesquisador dos movimentos sociais, afirma que a batalha dos gays e lésbicas contra a polícia nas ruas de Nova York influenciaram o surgimento de organizações gays em outros países da América Latina. Ele também afirma que a forte repressão aos homossexuais aconteceu em diversos países da América Latina em períodos de ditadura militar, sobretudo em Porto Rico, México, Argentina e Brasil.

Logo, o Movimento LGBTQIA+ atual é um dos sobreviventes da repressão militar que aconteceu em diversos países do América Latina e teve o seu surgimento marcado pela Revolta de Stonewall, que influenciou a expansão da luta contra a intolerância em outros países, inclusive no Brasil.

No Brasil, o movimento LGBTQIA+ teve início há pouco mais de quarenta anos e era conhecido como Movimento Homossexual Brasileiro (MHB). Simões e Facchini (2009) afirmam

que na segunda metade dos anos 1990, começaram a surgir as organizações independentes de travestis e transexuais que, ao longo dos anos, foram se inserindo juntando ao movimento de mulheres lésbicas, que naquela época era a maior organização em âmbito nacional, e assim foram fortalecendo o segmento.

Ainda em Simões e Facchini (2009), a trajetória do Movimento LGBT, no Brasil, pode ser dividida em três fases de intensa busca em torno do reconhecimento pelos seus direitos junto à sociedade, sendo a primeira marcada pelo lançamento do Jornal O Lampião da Esquina e pelo surgimento dos pequenos grupos homossexuais em plena ditadura militar. Este jornal foi criado em 1978 por Aguinaldo Silva, João Silvério Trevisan, Peter Fry, entre outros, e que acabou se tornando o principal veículo de comunicação sobre homossexualidade de 1978 a 1981. O jornal foi circulado em meio à ditadura, e levou a uma caça a homossexuais e travestis nas ruas, para “limpeza”, bem como uma forte censura contra jornais, revistas, ou quaisquer outros meios que dessem alguma visibilidade aos homossexuais. Essa situação só foi amenizada quando a sociedade brasileira se mobilizou contra a ditadura militar, favorecendo o crescimento do movimento pelas “Diretas Já”, em 1984.

A década de 1980 foi iniciado o processo de abertura política (1985) e redemocratização (1988), criando uma possibilidade de expressividade dos novos movimentos sociais, conforme enaltece Gohn (1997), com “características da natureza humana, especificamente sexo, idade, raça e cor”, denominados como movimento de mulheres, movimento negro, movimento homossexual, entre outros. Nesse período, surgiram inúmeros grupos homossexuais, em São Paulo, que se espalharam pelo país.

Em 1980 quando o movimento realmente se espalhou pelo país, veio então a segunda fase do movimento. Nessa época foi criado o Grupo Gay da Bahia – GGB (1980); o Grupo de Atuação Homossexual de Recife/Olinda – GATHO (1981); Grupo Dialogay, de Sergipe (1981); Grupo Triângulo Rosa (1985) e o Grupo Atobá (1986).

Ocorreram duas ações significativas nesta segunda fase do movimento. Uma delas foi a intensa campanha para que, em 9 de fevereiro de 1985, o Conselho Federal de Medicina deixasse de considerar a homossexualidade como doença e, assim, transferiu o diagnóstico para outras circunstâncias psicossociais, liderada pelo grupo Triângulo Rosa. Segundo Howes (2010) a outra ação foi a tentativa de incluir uma expressa proibição de discriminação por "orientação sexual" na Constituição de 1988. Mas não se obteve êxito, em virtude da oposição dos fundamentalistas religiosos.

A terceira fase do Movimento LGBTQIA+ Brasileiro aconteceu com a fundação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) em 1995 (MARTINS et al., 2012). Hoje a ABGLT é uma rede nacional de 286 organizações afiliadas sendo a maior rede LGBTQIA+ na América Latina. E a terceira fase também foi marcada pela organização e o crescimento do número de paradas LGBT em todo o Brasil.

A comunidade LGBTQIA+ no decorrer de toda essa luta conquistou alguns direitos civis que foi de extrema importância para a dignidade e respeito dos integrantes. Em maio de 2010,

o STJ reconheceu, por unanimidade, que casais formados por homossexuais têm o direito de adotar filhos. Em 14 de maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça aprovou a Resolução nº 175, que permitiu os cartórios de todo o Brasil a realizarem diretamente o casamento civil ou conversão de união estável em casamento entre pessoas de mesmo sexo.

Em agosto de 2018, O STF autorizou pessoas trans a alterarem o nome no registro civil sem a necessidade de cirurgia de redesignação sexual ou decisão judicial. Em junho de 2019, o STF determinou que a discriminação contra pessoas LGBT seja enquadrada nos crimes previstos na Lei Nº 7.716/1989 (Lei do Racismo), prevendo penas de até 5 anos de prisão, até que uma norma específica seja aprovada pelo Congresso Nacional.

Só em maio de 2020, o STF declarou inconstitucional e suspendeu as normas do Ministério da Saúde e Anvisa que exigiam aos homossexuais a abstinência sexual de um ano para doarem sangue.

## 2.2 HOMOFOBIA E QUESTÕES ASSOCIADAS AO GRUPO LGBTQIA+

Em um recente estudo, Parente, Moreira e Albuquerque (2018) tiveram como objetivo definir a feição das violências físicas sofridas por gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. A metodologia utilizada para chegar ao resultado desejado foi um estudo descritivo de abordagem quantitativa, mediante um questionário formulado para a coleta de dados de integrantes do grupo LGBTTT nos municípios de Juazeiro do Norte e Crato, Ceará, Brasil. Após analisar os dados obtidos neste estudo, concluiu-se que o quadro de homofobia social encontrado nesta população é semelhante ao observado em todo o território brasileiro mediante relatórios produzidos pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Ainda, que o enfrentamento desta realidade implica em elaboração de estratégias políticas e sociais, de setores governamentais e não governamentais, para o combate e a redução deste tipo de violência dirigida ao grupo.

Albuquerque et al. (2016) utilizaram um estudo transversal de caráter quantitativo, com a finalidade de definir o perfil de violência psicológica contra integrantes do grupo LGBTTT. Os dados deste estudo foram coletados durante movimentos reivindicatórios da categoria LGBTTT, intitulados “Parada Gay”, promovidos em junho de 2013, nos municípios de Juazeiro do Norte e de Crato, ambos localizados na região sul do estado do Ceará, Brasil. Como conclusão, os autores destacam a maior parte da violência psicológica sendo insultos por parte de agressores desconhecidos. Salientam também que os índices de violência psicológica cometidas contra essa população são elevados, achando importante o planejamento de estratégias para redução desse agravo.

O trabalho de Sousa, Ferreira e Sá (2013) trata-se de uma pesquisa de cunho epidemiológico, descritiva, observacional, tipo corte transversal, com o fim de conhecer as vulnerabilidades ao HIV/Aids das travestis da Região Metropolitana do Recife. A população deste estudo foi constituída de travestis, consideradas como uma pessoa do sexo masculino com características secundárias de mulher. Foi utilizada uma alternativa metodológica de amostra probabilística

conhecida como RDS (*Respondent Driven Sampling*). Um formulário elaborado para a pesquisa foi preenchido mediante uma entrevista face a face por entrevistador previamente capacitado. O desfecho do artigo resume-se a afirmar que, ao que se refere a epidemia do HIV, entre a população estudada, as estratégias de promoção da saúde planejadas pelas diversas áreas do conhecimento só poderão ser eficazes se forem considerados fatores que ampliam a compreensão dessa vulnerabilidade, como as diferentes formas de preconceito e discriminação, em especial a homofobia.

Silva et al. (2016) desenvolveram um trabalho para analisar, a partir do perfil sociodemográfico, as situações de violência contra travestis e transexuais. Foi realizado um estudo transversal, descritivo, de abordagem quantitativa, utilizando-se para a coleta de dados técnica de entrevista semiestruturada, composta por duas partes: identificação e caracterização dos sujeitos do estudo; perguntas semiestruturadas com base nos questionamentos e objetivos propostos em análise. Como consequência dos dados analisados, os autores determinaram que, sobre a violência contra esta população, o que se destaca é o silenciamento das agressões sofridas e sua invisibilidade no contexto social e institucional que reflete a inibição dos direitos humanos e ocultamento da realidade.

Souza, Silva e Faro (2015) objetivaram verificar como o *bullying* e a homofobia se aproximam, comparando a homofobia entre os atores do *bullying* e observando se o conteúdo homofóbico é utilizado no *bullying* verbal. A metodologia utilizada nesse artigo foi de caráter quantitativo do tipo *survey*. Utilizou-se dois instrumentos de pesquisa: para a coleta de dados, um questionário contendo variáveis sociodemográficas e sobre *bullying*, e uma escala de homofobia manifesta e sutil. A amostragem foi obtida por meio do método da conveniência, em nove escolas em que a pesquisa foi realizada. Os autores concluem que a presença de conteúdo homofóbico no *bullying* verbal foi a segunda forma mais recorrente entre os participantes do sexo masculino, tendo menor incidência entre as meninas. Além disso, os adolescentes autores de *bullying* apresentaram maiores escores na escala de homofobia, se comparados aos alvos.

Silva et al. (2020) buscam compreender como a homofobia é representada no jornalismo digital, a partir de notícias das versões digitais dos jornais O Globo e Meia Hora e de notícias recuperadas a partir da ferramenta Google Alerta sobre violência homofóbica no Rio de Janeiro. Este trabalho se trata de uma pesquisa documental que contou com análises quantitativas dos dados para a conclusão dos resultados. Utilizou-se um instrumento com questões fechadas e abertas visando coletar os dados dos jornais, incluindo diversas variáveis descritas no trabalho. Os dados coletados foram inseridos em uma máscara criada no programa EpiData. As análises quantitativas envolveram a construção da distribuição de frequências para todas as variáveis coletadas, assim como o cálculo das medidas de resumo. Após a análise dos resultados os autores compreendem que o movimento LGBT, na luta pela maior visibilidade da violência homofóbica, e o jornalismo digital possuem uma série de questões a serem trabalhadas. Essas questões, que estão em um ambiente político e tecnológico em constante modificação, representam um desafio nos próximos anos ao trabalho de investigação científica acerca das tensões nestes campos.

O trabalho de Moretti-Pires et al. (2019) teve como objetivo analisar o perfil de atitude e o preconceito contra diversidade sexual e de gênero entre estudantes de um curso de Medicina. Os resultados foram obtidos por uma investigação quantitativa, de corte transversal, a partir de um questionário autoaplicável. Na primeira parte do questionário haviam 12 questões para traçar o perfil sociodemográfico dos estudantes, e na segunda havia 16 questões do instrumento construído e validado por Costa e colaboradores para mensuração de preconceito contra diversidade sexual e de gênero.

Ainda no trabalho de Moretti-Pires et al. (2019), os questionários foram distribuídos coletivamente em sala de aula, sem a presença do professor e recolhidos em urna lacrada. Ao final do trabalho os autores destacam que os dados obtidos neste estudo levam a importância de integrar a temática de saúde LGBT de forma obrigatória ao conteúdo curricular, e construir mecanismos de apoio à estruturação pedagógica que auxiliem as aulas e/ou disciplinas a cumprirem seu papel, além da necessidade de ministrar conteúdo de forma específica ao acompanhamento e tratamento das pessoas LGBT.

Lacerda, Pereira e Camino (2002) tiveram como objetivo analisar, na perspectiva das representações sociais, as formas como estudantes universitários expressam o preconceito contra homossexuais e a relação desse preconceito com as explicações da homossexualidade. Por meio de uma análise quantitativa utilizou-se um questionário que, além dos dados sociodemográficos, continha as seguintes escalas: Escala de Rejeição à intimidade, Escala de Expressão Emocional, Escalas de Explicação da Homossexualidade. Estes questionários foram respondidos pelos estudantes em salas de aulas definidas por sorteios. Os resultados levam a classificar indivíduos preconceituosos divididos em três grupos, e a conclusão que os autores obtiveram é que o grupo dos preconceituosos flagrantes se opuseram às explicações psicossociais e aderiram mais fortemente às explicações ético-morais e religiosas. O grupo dos não preconceituosos estudam psicologia e aderem às explicações psicossociológicas. Já os preconceituosos sutis explicaram a homossexualidade a partir de causas biológicas e psicológicas.

Logo, pesquisas científicas com fundamentação teórica que busquem entender com profundidade questões relacionadas à homofobia podem contribuir para políticas que visem a conscientização, diminuição e erradicação deste tipo de comportamento.



### 3 METODOLOGIA

Este estudo pode ser denominado como estudo transversal, quantitativo, em que, com a aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética - CAAE: 36589320.2.0000.5547), Apêndice A, foram obtidos no Sistema Acadêmico da UTFPR os e-mails dos alunos regularmente matriculados na UTFPR-CP. Estima-se que 2806 estudantes receberam o questionário, disponível no Apêndice B, bem como uma escala de homofobia manifesta e sutil (CASTILLO et al., 2003; MARINHO et al., 2004) aos estudantes da UTFPR-CP utilizando um formulário eletrônico (*Google forms*).

Considerando a subjetividade do termo LGBTfobia, faz-se necessário o uso de escalas psicométricas para a obtenção de informações neste escopo. Uma escala psicométrica têm como objetivo estabelecer uma relação de função entre estímulos ambientais (físicos, sociais) e o comportamento do indivíduo, ao avaliar em que medida um dado estímulo consegue imprimir respostas sobre esse (PASQUALI, 2009).

Neste trabalho, o termo escala será empregado na psicologia social, especificamente no estudo de atitudes, e também no campo de personalidade, diferente dos testes e inventários, pois não possui respostas certas e erradas. Será utilizada a escala de Likert (1932) como instrumento de medida, que é composta por uma sequência de números, geralmente com distância de uma unidade, que representará o aspecto da realidade que, por fim, indicará diferentes magnitudes de uma propriedade dessa realidade.

Assim, as ferramentas para análise estatística deste trabalho se dividem em duas: a ferramenta para verificar a consistência do instrumento aplicado (alfa de Cronbach) e as ferramentas para descrição e análise dos dados (Tabela de frequências, Intervalos de Confiança para a Proporção e Teste qui-quadrado). Logo, estas ferramentas são apresentadas abaixo.

#### 3.1 ALFA DE CRONBACH

O coeficiente alfa de Cronbach, descrito por Cronbach (1951), é uma das ferramentas estatísticas mais importantes e difundidas em pesquisas que envolvem a construção de testes e sua aplicação.

Segundo Shavelson (2009), o coeficiente alfa de Cronbach é um instrumento útil por no mínimo três razões:

- O coeficiente alfa de Cronbach fornece uma medida razoável de confiabilidade em um único teste. Dessa forma, não são necessárias repetições ou aplicações paralelas de um teste para a estimativa da consistência do mesmo;
- A fórmula geral do coeficiente alfa de Cronbach permite sua aplicação a questionários de múltipla-escolha de escalas dicotômicas ou escalas atitudinais de variáveis categóricas politômicas;

- O coeficiente alfa de Cronbach pode ser facilmente calculado por princípios estatísticos básicos.

De acordo com Leontitsis e Pange (2007), o alfa é estimado considerando-se  $X$  como sendo uma matriz do tipo  $(n \times k)$ , que corresponde às respostas quantificadas de um questionário. Cada linha da matriz  $X$  representa um indivíduo enquanto cada coluna representa uma questão. As respostas quantificadas podem estar em qualquer escala. Dessa forma, o coeficiente alfa de Cronbach é mensurado por:

$$\alpha = \frac{k}{k-1} \left[ \frac{\sigma_t^2 - \sum_{i=1}^k \sigma_i^2}{\sigma_t^2} \right] \quad (3.1)$$

em que  $\sigma_i^2$  é a variância de cada coluna da matriz  $X$ , ou seja, é a variância relacionada a cada questão, e  $\sigma_t^2$  é a variância da soma de cada linha da matriz  $X$ , ou seja, é a variância da soma das respostas de cada indivíduo. Observe que  $k > 1$ , para que o denominador não seja 0.

Segundo Hora, Torres e Arica (2010), a aplicação do alfa de Cronbach deve submeter-se a alguns pressupostos, dos quais:

- O questionário deve estar dividido e agrupado em dimensões (construtos). Essas dimensões devem agrupar questões que tratam de um mesmo aspecto;
- O questionário deve ser aplicado a uma amostra significativa e heterogênea da população. A aplicação de questionários para especialistas compromete a confiabilidade, uma vez que avaliadores especialistas tendem a ter a mesma opinião sobre o assunto abordado, diminuindo a variabilidade total do questionário e consequentemente o alfa;
- A escala utilizada deve estar validada, ou seja, o instrumento utilizado deve realmente medir aquilo a que se propõe medir.

Cada item é abordado de forma independente na comparação com os outros, abordando uma única ideia de cada vez. Caso a resposta a determinado item se comporte de maneira parecida com a resposta de outro item, conclui-se que um explica o outro (GIL, 1987).

A confiabilidade do Coeficiente alfa de Cronbach normalmente varia entre 0 e 1 (GLIEM; GLIEM, 2003). O valor mínimo aceitável para o alfa é 0,70. A consistência interna dos itens da escala é considerada baixa para valores abaixo desse limite. Por outro lado, o valor máximo esperado para o alfa é 0,90, uma vez que valores maiores podem significar presença de redundância ou duplicação, o que pode significar que vários itens estão medindo exatamente o mesmo elemento de um constructo. Caso isso ocorra, os elementos redundantes ou duplicados devem ser eliminados (STREINER, 2003).

A força da correlação entre os itens de um questionário pode ser verificada eliminando um item da escala de medição. Se o coeficiente alfa aumenta, assume-se que esse item não é altamente correlacionado com os demais itens do questionário. Por outro lado, se o coeficiente



diminuir, assume-se que este item é altamente correlacionado com os demais itens da escala. Dessa forma, o alfa de Cronbach determina a confiabilidade do questionário, pois avalia como cada item reflete na mesma (SALOMI; MIGUEL; ABACKERLI, 2005).

### 3.2 INTERVALO DE CONFIANÇA PARA A PROPORÇÃO

Considerando que um dos objetivos do trabalho é estimar a proporção de estudantes que não heterossexuais, uma forma de representar este valor é a partir da proporção estimada ( $\hat{p}$ ) da proporção ( $p$ ) da população.

Assim, seja  $X$  uma variável aleatória que assume valores 0 ou 1, sendo que 1 representa a característica de interesse, Logo:

$$\hat{p} = \frac{\sum_{i=1}^n x_i}{n} \quad (3.2)$$

em que  $n$  representa o tamanho da amostra.

Para uma amostra suficientemente grande, o estimador  $\hat{p}$  tem distribuição normal com média  $p$  e variância  $\frac{p(1-p)}{n}$  (MAGALHÃES; LIMA, 2008), ou seja:

$$\hat{p} \sim N\left(\hat{p}, \frac{p(1-p)}{n}\right) \quad (3.3)$$

Assim, um intervalo  $(1 - \alpha)$  de confiança bilateral, em que  $\alpha$  é o nível de significância previamente estabelecido (geralmente  $\alpha = 0,05$ ) é dado por:

$$IC(\hat{p}, 1 - \alpha) = \hat{p} \pm z_{\left(\frac{\alpha}{2}\right)} \sqrt{\frac{p(1-p)}{n}} \quad (3.4)$$

em que  $p$  é estimado por  $\hat{p}$ ; e  $z_{\left(\frac{\alpha}{2}\right)}$  é o percentil de uma distribuição normal padrão  $f(z)$ , calculado pela  $\int_{-\infty}^{z_{\left(\frac{\alpha}{2}\right)}} f(z) dz = \frac{\alpha}{2}$ .

### 3.3 TESTE QUI-QUADRADO

Um teste simples, de fácil interpretação e bastante útil para verificar a associação entre duas variáveis categóricas é o Teste Qui-Quadrado de Pearson (PEARSON, 1900). Tomando-se como referência uma Tabela de Frequências  $l \times c$ , em que  $l$  representa o número de linhas da tabela ( $l \geq 2$ ) e  $c$  representa o número de linhas da tabela ( $c \geq 2$ ), pode-se apresentar, genericamente uma Tabela de Frequências  $l \times c$ , ou tabela de contingência conforme Tabela 1.

Na Tabela 1,  $n_{L_i}$  representa a soma da linha  $i$  ( $i = 1, 2, \dots, l$ ) e  $n_{C_j}$  representa a soma da coluna  $j$  ( $j = 1, 2, \dots, c$ ) enquanto  $n$  representa o tamanho da amostra. Assim  $O_{ij}$  é valor observado na linha  $i$  e coluna  $j$ . Uma tabela de contingência distribuída de forma equilibrada, ou seja, em que as variáveis não estão associadas poderia ser representada conforme Tabela 2.

Na Tabela 2,  $E_{ij}$  é valor observado na linha  $i$  e coluna  $j$ . Assim, compara-se os valores

**Tabela 1 – Tabela de contingência - Valores Observados.**

Linha	Coluna				Total
	$C_1$	$C_2$	$\dots$	$C_c$	
$L_1$	$O_{11}$	$O_{12}$	$\dots$	$O_{1c}$	$n_{L_1}$
$L_2$	$O_{21}$	$O_{22}$	$\dots$	$O_{2c}$	$n_{L_2}$
$\vdots$	$\vdots$	$\vdots$	$\ddots$	$\vdots$	$\vdots$
$L_l$	$O_{l1}$	$O_{l2}$	$\dots$	$O_{lc}$	$n_{L_l}$
Total	$n_{C_1}$	$n_{C_2}$	$\dots$	$n_{C_c}$	$n$

Fonte: Autoria própria

**Tabela 2 – Tabela de contingência - Valores Esperados.**

Linha	Coluna				Total
	$C_1$	$C_2$	$\dots$	$C_c$	
$L_1$	$E_{11} = \frac{n_{L_1} n_{C_1}}{n}$	$E_{12} = \frac{n_{L_1} n_{C_2}}{n}$	$\dots$	$E_{1c} = \frac{n_{L_1} n_{C_c}}{n}$	$n_{L_1}$
$L_2$	$E_{21} = \frac{n_{L_2} n_{C_1}}{n}$	$E_{22} = \frac{n_{L_2} n_{C_2}}{n}$	$\dots$	$E_{2c} = \frac{n_{L_2} n_{C_c}}{n}$	$n_{L_2}$
$\vdots$	$\vdots$	$\vdots$	$\ddots$	$\vdots$	$\vdots$
$L_l$	$E_{l1} = \frac{n_{L_l} n_{C_1}}{n}$	$E_{l2} = \frac{n_{L_l} n_{C_2}}{n}$	$\dots$	$E_{lc} = \frac{n_{L_l} n_{C_c}}{n}$	$n_{L_l}$
Total	$n_{C_1}$	$n_{C_2}$	$\dots$	$n_{C_c}$	$n$

Fonte: Autoria própria

observados com os valores esperados, utilizando a seguinte estatística do testes (AGRESTI, 2013):

$$\chi_c^2 = \sum_{i=1}^l \sum_{j=1}^c \frac{(O_{ij} - E_{ij})^2}{E_{ij}} \sim \chi_{[(l-1)(c-1)]}^2 \quad (3.5)$$

em que  $\chi_{[(l-1)(c-1)]}^2$  representa um distribuição Qui-Quadrado com  $(l-1)(c-1)$  graus de liberdade. Assim, pode-se dizer que existem evidências de associação entre duas variáveis se  $\chi_c^2 > \chi_{[(l-1)(c-1); 1-\alpha]}^2$  em que  $\alpha$  é o nível de significância, geralmente fixado em 0,05.  $\chi_{[(l-1)(c-1); 1-\alpha]}^2$  pode ser calculado como  $\int_0^{\chi_{[(l-1)(c-1); 1-\alpha]}^2} f(x) dx = 1 - \alpha$  em que  $f(x)$  representa a densidade de uma distribuição Qui-Quadrado.

Computacionalmente, é comum o uso do valor-p para os testes de hipóteses. Este valor representa o menor nível de significância para o qual a hipótese seria rejeitada. Logo, se  $\text{valor-p} < \alpha$  existem evidências que duas variáveis em estudo estão associadas ao nível de 0,05 de significância.

## 4 CASUÍSTICA E RESULTADOS

Para a coleta de dados, primeiro foi obtido no Sistema Acadêmico da UTFPR os e-mails dos 2806 estudantes regularmente matriculados no Campus Cornélio Procópio. Na sequência foi enviado um questionário e uma escala de homofobia manifesta e sutil (Apêndice A) aos estudantes, por meio de um formulário eletrônico (*Google forms*). Ao final, foram obtidas 210 respostas. A seguir, serão descritos os resultados divididos em subseções.

### 4.1 VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO: ALFA DE CRONBACH

Para verificar a consistência do instrumento aplicado na população em estudo, calculou-se os valores de alfa de Cronbach introduzido na Seção 3.1, utilizando a biblioteca *psych* do Software R. Nas linhas da Tabela 3 foram calculados os valores de alfa de Cronbach, excluídas as respectivas questões por linhas, como também o valor de alfa para todas as questões conjuntamente.

**Tabela 3 – Valores de alfa de Cronbach.**

Questões	$\alpha$	Questões	$\alpha$
Q1	0,76	Q10	0,75
Q2	0,79	Q11	0,73
Q3	0,78	Q12	0,74
Q4	0,75	Q13	0,74
Q5	0,75	Q14	0,79
Q6	0,77	Q15	0,76
Q7	0,73	Q16	0,74
Q8	0,77	Q17	0,74
Q9	0,75		
Total	0,77 (0,73; 0,81)		

Fonte: Autoria própria

Observe na Tabela 3 que o valor de  $\alpha$  foi de 0,77 variando entre 0,73 a 0,81, mostrando assim que as respostas à escala aplicada foram consistentes para esta população, uma vez que  $\alpha > 0,7$  (GLIEM; GLIEM, 2003). Além disso, todas as questões do constructo são relevantes, uma vez que calculando o  $\alpha$  sem estas, o valor varia pouco em torno de 0,77. Logo, pode-se validar esta escala para esta população quanto a sua consistência.

### 4.2 PREVALÊNCIA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL E ASSOCIAÇÕES

A partir da análise dos dados referente a orientação sexual dos estudantes da UTFPR-CP, pode-se estimar que a prevalência de estudantes não heterossexuais é de 29%, variando entre 23% a 35% com 95% de confiança.

Nas Tabelas 4 e 5 são apresentadas as variáveis investigadas segundo a orientação sexual bem como o teste Qui-Quadrado para verificar uma possível associação entre as variáveis em estudo e a orientação sexual do estudante ao nível de 0,05 de significância.

**Tabela 4 – Descrição da Amostra Segundo Orientação sexual e teste Qui-Quadrado - Parte 1.**

Variáveis	Heterossexuais n (%)	Não Heterossexuais n (%)	p-valor - Teste Qui-Quadrado
<b>Identidade de Gênero</b>			
Homem Cis	124 (79,49)	32 (20,51)	
Homem Trans	0 (0,00)	1 (100,00)	< 0,01
Mulher Cis	39 (53,42)	34 (46,58)	
<b>Pai conhece Orientação Sexual</b>			
Não	5 (10,42)	43 (89,58)	< 0,01
Sim	158 (86,81)	24 (13,19)	
<b>Mãe conhece Orientação Sexual</b>			
Não	3 (8,57)	32 (91,43)	< 0,01
Sim	160 (82,05)	35 (17,95)	
<b>Familiar ou Amigo LGBTQIA+</b>			
Não	25 (86,21)	4 (13,79)	0,052
Sim	138 (68,66)	63 (31,34)	
<b>Raça</b>			
Amarelo	16 (76,19)	5 (23,81)	0,27
Branco	115 (70,55)	48 (29,45)	
Pardo	23 (79,31)	6 (20,69)	
Preto	9 (52,94)	8 (47,06)	
<b>Religião</b>			
Não	62 (65,96)	32 (34,04)	0,17
Sim	101 (74,26)	35 (25,74)	
<b>Companheiro</b>			
Não	93 (70,45)	39 (29,55)	0,87
Sim	70 (71,43)	28 (28,57)	
<b>Cotas</b>			
Não	94 (70,68)	39 (29,32)	0,94
Sim	69 (71,13)	28 (28,87)	
<b>Residência CP</b>			
Não	149 (70,95)	61 (29,05)	0,93
Sim	14 (70,00)	6 (30,00)	
<b>Trabalho</b>			
Não	89 (68,99)	40 (31,01)	0,48
Sim	74 (73,27)	27 (26,73)	
<b>Bolsa</b>			
Não	132 (73,74)	47 (26,26)	0,07
Sim	31 (60,78)	20 (39,22)	

Fonte: Autoria própria

Na Tabela 4, pode-se observar que existe evidências de associação entre a identidade

de gênero e a orientação sexual, ou seja, existe uma proporção diferente de Homens e Mulheres cisgênero segundo a orientação sexual. Enquanto 46,6% das mulheres cisgênero da amostra não são heterossexuais, apenas 20,5% dos homens cisgênero não são heterossexuais.

Ainda na Tabela 4, nota-se também, que para a variável não conhecimento dos pais sobre a orientação sexual dos filhos, que para os participantes não heterossexuais são 89,58% neste caso, e 86,81% dos participantes que o pai tem conhecimento da sua orientação sexual são heterossexuais. Já na variável do não conhecimento das mães sobre a orientação sexual dos filhos tem-se 91,43% sendo respondentes não heterossexuais, e na vertente do conhecimento da mãe sobre a orientação sexual dos filhos 82,05% são pessoas heterossexuais.

**Tabela 5 – Descrição da Amostra Segundo Orientação sexual e teste Qui-Quadrado - Parte 2.**

Variáveis	Heterossexuais	Não Heterossexuais	p-valor - Teste Qui-Quadrado
	n (%)	n (%)	
<b>Escola Ensino Médio</b>			
Pública	69 (72,63)	26 (27,37)	0,62
Privada	94 (69,63)	41 (30,37)	
<b>Dependência Financeira</b>			
Não	26 (68,42)	12 (31,58)	0,37
Sim, integralmente	103 (74,10)	36 (25,90)	
Sim, parcialmente	34 (64,15)	19 (35,85)	
<b>Acompanhamento Psicológico</b>			
Não	137 (76,11)	43 (23,89)	< 0,01
Sim	26 (52,00)	24 (48,00)	
<b>Participação em Coletivo</b>			
Não	157 (75,85)	50 (24,15)	< 0,01
Sim	6 (26,09)	17 (73,91)	

Fonte: Autoria própria

Na Tabela 5, no que se diz respeito aos participantes que não fazem acompanhamento psicológico 73,7% são heterossexuais, e 48% das pessoas que fazem acompanhamento psicológicos são pessoas não heterossexuais enquanto 73,91% dos participantes que fazem parte do coletivo são pessoas não heterossexuais, enquanto 73,74% dos que não fazem parte de coletivos são heterossexuais.

#### 4.3 ANÁLISE DE ESCALA DE HOMOFOBIA

Uma vez que o grupo de questões do instrumento que representam a homofobia explícita é composto de 10 questões, enquanto as representam a homofobia implícita é de 7 questões, optou-se por analisá-las individualmente, agrupando as respostas 1 ou 2 e as respostas 4 ou 5. Neste contexto, todas as 17 questões foram cruzadas com a variável identidade de gênero e, nas tabelas a seguir, são apresentados apenas os resultados que apresentaram evidências de significância ao nível de 0,05.

## 4.3.1 Homofobia explícita

**Tabela 6 – Análise: Questão 1.**

Variáveis	Concordo (1 ou 2)	Discordo (4 ou 5)	p-valor - Teste Qui-Quadrado
	n (%)	n (%)	
Identidade de Gênero			
Homem Cisgênero	126 (94,03)	8 (5,97)	< 0,01
Mulher Cisgênero	53 (76,81)	16 (23,19)	

Fonte: Autoria própria

**Questão 1:** Existem muitos grupos de LGBTQI+ que pressionam para conseguir cada vez mais direitos, mas os problemas dos heterossexuais são mais importantes.

Nesta questão nota-se que 94,03% dos homens cisgêneros concordam com esta afirmação, e 76,81% das mulheres cisgênero também concordam.

**Tabela 7 – Análise: Questão 7.**

Variáveis	Concordo (1 ou 2)	Discordo (4 ou 5)	p-valor - Teste Qui-Quadrado
	n (%)	n (%)	
Identidade de Gênero			
Homem Cisgênero	18 (12,33)	128 (87,67)	0,02
Mulher Cisgênero	2 (2,74)	71 (97,26)	

Fonte: Autoria própria

**Questão 7:** Se no futuro tivesse um filho ou filha, não me importaria que ele ou ela fosse LGBTQI+ e tivesse relações íntimas com outra pessoa LGBTQI+.

A questão 7 mostra que 87,67% dos homens cisgênero responderam que não concordam com a afirmação de que tivesse um filho não se importariam que ele fosse LGBTQIA+, e 97,26% das mulheres cisgêneros também discordam.

**Tabela 8 – Análise: Questão 8.**

Variáveis	Concordo (1 ou 2)	Discordo (4 ou 5)	p-valor - Teste Qui-Quadrado
	n (%)	n (%)	
Identidade de Gênero			
Homem Cisgênero	18 (12,33)	128 (87,67)	0,02
Mulher Cisgênero	2 (2,74)	71 (97,26)	

Fonte: Autoria própria

**Questão 8:** Se fosse o caso, e em determinadas condições, eu poderia sentir o desejo de ter uma relação sexual com alguém do meu próprio sexo.

A questão 8 traz que 87,67% dos homens cisgênero responderam que não concordam com a afirmação de que poderiam sentir desejo sexual por uma pessoa do mesmo sexo, e 97,26% das mulheres cisgêneros também discordam.

**Tabela 9 – Análise: Questão 11.**

Variáveis	Concordo (1 ou 2)	Discordo (4 ou 5)	p-valor - Teste Qui-Quadrado
	n (%)	n (%)	
Identidade de Gênero			
Homem Cisgênero	101 (80, 80)	24 (19, 20)	0, 02
Mulher Cisgênero	61 (93, 85)	4 (6, 15)	

Fonte: Autoria própria

#### 4.3.2 Homofobia implícita

**Questão 11:** Da mesma forma que os estrangeiros adotam os costumes do país aonde chegam, penso que as pessoas LGBTQI+ poderiam fazer o mesmo e ser mais discretos.

A questão 11 mostra que 80,80% dos homens cisgênero responderam que concordam com esta afirmação, e 93,85% das mulheres cisgêneros também concordam.

**Tabela 10 – Análise: Questão 13.**

Variáveis	Concordo (1 ou 2)	Discordo (4 ou 5)	p-valor - Teste Qui-Quadrado
	n (%)	n (%)	
Identidade de Gênero			
Homem Cisgênero	120 (91, 60)	11 (8, 40)	0, 01
Mulher Cisgênero	69 (100, 00)	0 (0, 00)	

**Questão 13:** Se as pessoas LGBTQI+ se esforçassem realmente para integrar-se a sociedade, não precisariam fazer tantas mobilizações (por exemplo, parada gay) nem se esconder.

A questão 13 mostra que 91,60% dos homens cisgênero responderam que concordam com a afirmação, e 100% das mulheres cisgêneros também concordam.

**Tabela 11 – Análise: Questão 15.**

Variáveis	Concordo (1 ou 2)	Discordo (4 ou 5)	p-valor - Teste Qui-Quadrado
	n (%)	n (%)	
Identidade de Gênero			
Homem Cisgênero	90 (71, 43)	36 (28, 57)	0, 01
Mulher Cisgênero	56 (88, 89)	7 (11, 11)	

**Questão 15:** Eu acho que os valores religiosos e éticos das pessoas LGBTQI+ são diferentes aos dos heterossexuais.

A questão 15 mostra que 71,43% dos homens cisgênero responderam que concordam com a afirmação, e 88,89% das mulheres cisgêneros também concordam.





## 5 DISCUSSÃO

Este trabalho teve como objetivo geral estimar a proporção de estudantes quanto a sua orientação sexual, sobre o conhecimento dos pais a respeito desta variável entre outras questões bem como aplicar uma escala de homofobia manifesta e sutil junto a estes estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Cornélio Procópio.

A partir de uma Revisão da Literatura, observou-se que a luta do grupos LGBTQIA+ iniciou-se no século XX nos Estado Unidos, ao longo dos anos conquistaram importantes vitórias tais como o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, a criminalização da homofobia, entre outras. Mas ainda hoje é necessário continuar a luta, os estudos, as campanhas de conscientização, pois o preconceito, infelizmente, ainda está longe de ser extinguido.

Dos resultados obtidos neste trabalho, pode-se destacar alguns dados bastante relevantes e úteis para o entendimento das questões associadas aos grupos LGBTQIA+ no campus Cornélio Procópio da UTFPR. Por exemplo, estima-se que 29% de estudantes do campus não são heterossexuais, tendo uma variabilidade entre 23% a 35%. Isto implica, por exemplo, que em uma turma de 40 alunos, aproximadamente de 8 a 15 não são heterossexuais, o que leva a uma reflexão sobre comportamentos homofóbicos que devem ser eliminados, dentro e fora da sala de aula.

É possível observar que existe uma diferença no que se refere ao conhecimento do pai e da mãe sobre a orientação sexual do filho, 13, 19% dos participantes que responderam que o pai tem conhecimento são pessoas não heterossexuais, os que responderam que a mãe tem conhecimento 17, 95% são pessoas não heterossexuais. Nota-se que a porcentagem de conhecimento sobre a orientação sexual de um filho não heterossexual da mãe é maior que a do pai, isso reforça a conclusão que mulheres tem uma maior empatia ao publico LGBTQIA+.

Como mencionado na introdução deste trabalho indivíduos que fazem parte do grupo LGBTQIA+ podem ter a vulnerabilidade potencializada por conta do preconceito e discriminação, o é uma dificuldade a mais que precisam enfrentar se comparado aos heterossexuais. Este trabalho mostrou que 48% dos respondentes que fazem acompanhamento psicológico, isto é quase a metade deles, são pessoas não heterossexuais.

Por fim, almeja-se, ao visibilizar a naturalização de comportamentos homofóbicos de estudantes dentro da Universidade enquanto problema que afeta as pessoas LGBTQIA+, contribuir com informações que possam nortear a construção de ações e intervenções voltadas ao combate da LGBTfobia e suas consequências, como campanhas de conscientização na busca de empatia quanto a estas questões no sentido das conquistas de igualdade entre todas as pessoas, independente de credo, raça, orientação sexual, entre outras, principalmente no ambiente acadêmico de formação profissional.



## REFERÊNCIAS

- AGRESTI, A. **Categorical Data Analysis**. [S.l.]: Wiley, 2013. (Wiley Series in Probability and Statistics). Citado na página 32.
- ALBUQUERQUE, Grayce Alencar et al. Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. **Saúde em Debate**, v. 40, n. 109, p. 100–111, 2016. Citado na página 25.
- BERUTTI, E. B. **Gays, Lésbicas, Transgenders: o caminho do arco-íris na cultura norteamericana**. [S.l.]: EdUERJ, 2010. Citado na página 23.
- BRAGA, Iara Falleiros et al. Family violence against gay and lesbian adolescents and young people: a qualitative study. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1220 – 1227, 2018. Citado na página 19.
- BUTLER, J.; AGUIAR, R. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. [S.l.]: Civilização Brasileira, 2015. (Sujeito e História). Citado na página 19.
- CASTILLO, M. Nieves Quiles et al. La medida de la homofobia manifiesta y sutil. **Psicothema**, v. 15, 2003. Citado na página 29.
- CRONBACH, Lee J. Coefficient alpha and the internal structure of tests. **Psychometrika**, v. 16, n. 3, p. 297–334, 1951. Citado na página 29.
- EDSALL, NICHOLAS C. **Toward Stonewall: Homosexuality and Society in the Modern Western World**. [S.l.]: University of Virginia Press, 2003. Citado na página 20.
- GIL, A.C. **Como Elaborar projetos de pesquisa**. [S.l.]: Atlas, 1987. Citado na página 30.
- GLIEM, Joseph; GLIEM, Rosemary. Calculating, interpreting, and reporting cronbach's alpha reliability coefficient for likert-type scales. **2003 Midwest Research to Practice Conference in Adult, Continuing, and Community Education**, 2003. Citado 2 vezes nas páginas 30 e 33.
- GOHN, M. da Glória Marcondes. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. [S.l.]: Edições Loyola, 1997. Citado na página 24.
- GREEN, James N. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América latina. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18/19, 2010. Citado na página 23.
- HORA, Henrique; TORRES, Gina; ARICA, José. Confiabilidade em questionários para qualidade: Um estudo com o coeficiente alfa de cronbach. **Produto Produção**, v. 11, 2010. Citado na página 30.
- HOWES, Robert. João Antônio Mascarenhas (1927-1998): pioneiro do ativismo homossexual no Brasil. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18/19, 2010. Citado na página 24.
- LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leoncio. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, p. 165 – 178, 2002. Citado na página 27.
- LEONTITSIS, Alexandros; PANGE, Jenny Polyxeni. A simulation approach on cronbach's alpha statistical significance. **Mathematics and Computers in Simulation**, v. 73, p. 336–340, 01 2007. Citado na página 30.

LIKERT, Rensis. A technique for the measurement of attitudes. **Archives of Psychology**, v. 140, 1932. Citado na página 29.

MACRAE, E. **Os respeitáveis militantes e as bichas loucas**. [S.l.]: Scielo, 2011. (Scielo Books). Citado na página 23.

MAGALHÃES, M.N.; LIMA, A.C.P. de. **Noções de Probabilidade e Estatística (6a Edição Revista e Ampliada) Vol. 40**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008. Citado na página 31.

MARINHO, Carla de A. et al. Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro. **Paidê (Ribeirão Preto)**, v. 14, p. 371 – 379, 2004. Citado na página 29.

MARTINS, Ferdinando et al. **Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais: Manual de Comunicação LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. 2012. [Online; acessado em 15-abril-2021]. Disponível em: <<https://ibdfam.org.br/assets/upload/anais/288.pdf>>. Citado na página 24.

MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio et al. Prejudice Against Gender and Sexual Diversity among Medical Students from the 1st to the 8th Semesters of a Medical Course in Southern Brazil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, p. 557 – 567, 2019. Citado na página 27.

OKITA, H. **Homossexualidade: da opressão à libertação**. [S.l.]: Sundermann, 2007. (Coleção 10). Citado na página 23.

PARENTE, Jeanderson Soares; MOREIRA, Felice Teles Lira dos Santos; ALBUQUERQUE, Grayce Alencar. Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro. **Revista de Salud Pública**, v. 20, n. 4, p. 445–452, 2018. Citado na página 25.

PASQUALI, L. **Instrumentação Psicológica: Fundamentos e práticas**. [S.l.]: Artmed Editora, 2009. Citado na página 29.

PEARSON, Karl F R S. X. on the criterion that a given system of deviations from the probable in the case of a correlated system of variables is such that it can be reasonably supposed to have arisen from random sampling. **The London, Edinburgh, and Dublin Philosophical Magazine and Journal of Science**, Taylor Francis, v. 50, n. 302, p. 157–175, 1900. Citado na página 31.

REIS, Toni. **Avanços e Desafios para os Direitos Humanos da Comunidade LGBT no Brasil**. 2012. [Online; acessado em 15-abril-2021]. Disponível em: <<https://ibdfam.org.br/assets/upload/anais/288.pdf>>. Citado na página 20.

SALOMI, Gilberto; MIGUEL, Paulo; ABACKERLI, Alvaro. Servqual x servperf: comparação entre instrumentos para avaliação da qualidade de serviços internos. **Gestão Produção**, v. 12, 2005. Citado na página 31.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, p. 19 – 54, 06 2007. Citado na página 20.

SHAVELSON, R. J. Biographical memoirs: Lee j. cronbach. **American Philosophical Society**, v. 147, n. 4, p. 379–385, 2009. Citado na página 29.

SILVA, Adriano da et al. A violência homofóbica no Rio de Janeiro a partir do jornalismo digital. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, p. Epub Mar 16, 2020. Citado na página 26.

SILVA, Glauber Weder dos Santos et al. Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 2, p. e56407, 2016. Citado na página 26.

SIMÕES, J.A.; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. [S.l.]: Editora Fundação perseu Abramo, 2009. (História do povo brasileiro). Citado 2 vezes nas páginas 23 e 24.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Artemis**, v. 8, 2008. Citado na página 19.

SOUSA, Patricia Juliana de; FERREIRA, Luiz Oscar Cardoso; Sá, Janilson Barros de. Estudo descritivo da homofobia e vulnerabilidade ao HIV/Aids das travestis da Região Metropolitana do Recife, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 8, p. 2239–2251, 2013. Citado na página 25.

SOUZA, Jackeline Maria de; SILVA, Joilson Pereira da; FARO, André. *Bullying* e Homofobia: Aproximações Teóricas e Empíricas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 2, p. 289–298, 2015. Citado na página 26.

STREINER, D. L. Starting at the beginning: An introduction to coefficient alpha and internal consistency. **Journal of personality assessment**, v. 80, p. 99–103, 2003. Citado na página 30.



**A PARECER - CEP**

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Um estudo sobre a orientação sexual, identidade de gênero e LGBTfobia junto aos estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Câmpus Cornélio Procopio

**Pesquisador:** ROBERTO MOLINA DE SOUZA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 36589320.2.0000.5547

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.283.723

**Apresentação do Projeto:**

De acordo com os pesquisadores:

Resumo: Recentemente no Brasil podem ser encontrados diversos trabalhos científicos que abordam questões associadas ao público LGBTQI+. Estes trabalhos, de cunho científico, são muito importantes para suportarem políticos de gênero e atuação de coletivos. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo verificar a associação de diversas variáveis sócio demográficas e intrínsecas com relação a sua orientação sexual e identidade de gênero dos estudantes da UTFPR – CP bem como a percepção da homofobia manifesta e sutil a partir de uma escala. O questionário e escala serão aplicados aos alunos utilizando formulário online e as respostas descritas a partir de tabelas e gráficos e analisadas utilizando modelos de regressão. A partir dos resultados obtidos espera-se fornecer aos departamentos competentes da UTFPR-CP e coletivos informações relevantes que possam contribuir e subsidiar o direcionamento de ações que visem contribuir para ações de conscientização e possível erradicação da homofobia no ambiente universitário da UTFPR-CP. Em um recente estudo, Parente, Moreira e Albuquerque (2018) tem como objetivo definir a feição das violências físicas sofridas por gays, lésbicas, bissexuais, travesti e transexuais. A metodologia utilizada para chegar ao resultado desejado foi um estudo descritivo de abordagem quantitativa, através de um questionário formulado para a coleta de dados de integrantes do

**Endereço:** SETE DE SETEMBRO 3165

**Bairro:** CENTRO

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**CEP:** 80.230-901

**Telefone:** (41)3310-4494

**E-mail:** coep@utfpr.edu.br



Continuação do Parecer: 4.283.723

grupo LGBTT nos municípios de Juazeiro do Norte e Crato, Ceará, Brasil. Após analisar os dados obtidos através deste estudo concluiu-se que o quadro de homofobia social encontrado nesta população é semelhante ao observado em todo o território brasileiro mediante relatórios produzidos pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Ainda, que o enfrentamento desta realidade implica em elaboração de estratégias políticas e sociais, de setores governamentais e não governamentais, para o combate e a redução deste tipo de violência dirigida ao grupo. Albuquerque et al. (2016) utilizaram um estudo transversal de caráter quantitativo, com a finalidade de definir o perfil de violência psicológica contra integrantes do grupo LGBTT. Os dados deste estudo foram coletados durante movimentos reivindicatórios da categoria LGBTT, intitulados "Parada Gay", promovidos em junho de 2013, nos municípios de Juazeiro do Norte e de Crato, ambos localizados na região sul do estado do Ceará, Brasil. Como conclusão, os autores destacam a maior parte da violência psicológica sendo insultos por parte de agressores desconhecidos. Salientam também que os índices de violência psicológica cometidas contra essa população são elevados, achando importante o planejamento de estratégias para redução desse agravo. O trabalho de Sousa, Ferreira e Sá (2013) trata-se de uma pesquisa de cunho epidemiológico, descritiva, observacional, tipo corte transversal, com o fim de conhecer as vulnerabilidades ao HIV/Aids das travestis da Região Metropolitana do Recife. A população deste estudo foi constituída de travestis, consideradas como uma pessoa do sexo masculino com características secundárias de mulher. Foi utilizada uma alternativa metodológica de amostra probabilística conhecida como RDS (Respondent Driven Sampling). Um formulário elaborado para a pesquisa foi preenchido mediante uma entrevista face a face por entrevistador previamente capacitado. O desfecho do artigo resume-se à afirmar que ao que se refere a epidemia do HIV, entre a população estudada, as estratégias de promoção da saúde planejadas pelas diversas áreas do conhecimento, só poderão ser eficazes, se forem considerados fatores que ampliam a compreensão dessa vulnerabilidade, como as diferentes formas de preconceito e discriminação, em especial a homofobia. Silva et al. (2016) desenvolveram um trabalho para analisar, a partir do perfil sócio demográfico, as situações de violência contra travestis e transexuais. Foi realizado um estudo transversal, descritivo, de abordagem quantitativa, utilizando-se para a coleta de dados técnica de entrevista semiestruturada, composta por duas partes: identificação e caracterização dos sujeitos do estudo; perguntas semiestruturadas com base nos questionamentos e objetivos propostos em análise. Como consequência dos dados analisados, os autores determinaram que sobre a violência contra esta população o que se destaca é o silenciamento das agressões sofridas e sua invisibilidade no contexto social e institucional que reflete a inibição dos direitos humanos e

**Endereço:** SETE DE SETEMBRO 3165

**Bairro:** CENTRO

**CEP:** 80.230-901

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3310-4494

**E-mail:** coep@utfpr.edu.br

Continuação do Parecer: 4.283.723

ocultamento da realidade. Souza, Silva e Faro (2015) objetivaram verificar como o bullying e a homofobia se aproximam, comparando a homofobia entre os atores do bullying e observando se o conteúdo homofóbico é utilizado no bullying verbal. A metodologia utilizada nesse artigo foi de caráter quantitativo do tipo survey. Utilizou-se dois instrumentos de pesquisa: para a coleta de dados, um questionário contendo variáveis sócio demográficas e sobre bullying, e uma escala de homofobia manifesta e sutil. A amostragem foi obtida por meio do método da conveniência, em nove escolas em que a pesquisa foi realizada. Os autores concluem que a presença de conteúdo homofóbico no bullying verbal foi a segunda forma mais recorrente entre os participantes do sexo masculino, tendo menor incidência entre as meninas. Além disso, os adolescentes autores de bullying apresentaram maiores escores na escala de homofobia, se comparados aos alvos. Silva et al. (2020) buscam compreender como a homofobia é representada no jornalismo digital, a partir de notícias das versões digitais dos jornais O Globo e Meia Hora e de notícias recuperadas a partir da ferramenta Google Alerta sobre violência homofóbica no Rio de Janeiro. Este trabalho trata-se de uma pesquisa documental que contou com análises quantitativa dos dados para a conclusão dos resultados. Utilizou-se um instrumento com questões fechadas e abertas visando coletar os dados dos jornais, incluindo diversas variáveis descritas no trabalho. Os dados coletados foram inseridos em uma máscara criada no programa EpiData. As análises quantitativas envolveram a construção da distribuição de frequências para todas as variáveis coletadas, assim como o cálculo das medidas de resumo. Após a análise dos resultados os autores compreendem que o movimento LGBT, na luta pela maior visibilidade da violência homofóbica, e o jornalismo digital possuem uma série de questões a serem trabalhadas. Essas questões, que estão em um ambiente político e tecnológico em constante modificação, representam um desafio nos próximos anos ao trabalho de investigação científica acerca das tensões nestes campos. O trabalho de Moretti-Pires et al. (2019) teve como objetivo analisar o perfil de atitude e o preconceito contra diversidade sexual e de gênero entre estudantes de um curso de Medicina. Os resultados foram obtidos através de uma investigação quantitativa, de corte transversal, a partir de um questionário autoaplicável, na primeira parte do questionário, 12 questões para traçar o perfil sócio demográfico dos estudantes, e na segunda havia 16 questões do instrumento construído e validado por Costa e colaboradores para mensuração de preconceito contra diversidade sexual e de gênero. Os questionários foram distribuídos coletivamente em sala de aula, sem a presença do professor e recolhidos em urna lacrada. Ao final do trabalho os autores destacam que os dados obtidos neste estudo levam a importância de integrar a temática de saúde LGBT de forma obrigatória ao conteúdo curricular, e construir mecanismos de apoio à estruturação pedagógica que auxiliem as aulas e/ou disciplinas a

**Endereço:** SETE DE SETEMBRO 3165

**Bairro:** CENTRO

**CEP:** 80.230-901

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3310-4494

**E-mail:** coep@utfpr.edu.br

Continuação do Parecer: 4.283.723

cumprirem seu papel, além da necessidade de ministrar conteúdo de forma específica ao acompanhamento e tratamento das pessoas LGBT. Lacerda, Pereira e Camino (2002) tem como objetivo analisar, na perspectiva das representações sociais, as formas como estudantes universitários expressam o preconceito contra homossexuais e a relação desse preconceito com as explicações da homossexualidade. Através de uma análise quantitativa utilizou-se um questionário que, além dos dados sócio demográficos, continha as seguintes escalas: Escala de Rejeição à intimidade, Escala de Expressão Emocional, Escalas de Explicação da Homossexualidade, estes questionários foram respondidos pelos estudantes em salas de aulas definidas através de sorteios. Os resultados levam a analisar indivíduos preconceituoso divididos em três grupos, e a conclusão que os autores obtiveram é que o grupo dos preconceituosos flagrantes se opuseram às explicações psicossociais e aderiram mais fortemente às explicações ético-morais e religiosas. O grupo dos não preconceituosos estudam psicologia e aderem às explicações psicossociológicas. Já os preconceituosos sutis explicaram a homossexualidade a partir de causas biológicas e psicológicas. Logo, pesquisas científicas com fundamentação teórica que busquem entender com profundidade questões relacionadas a homofobia podem contribuir para políticas que visem a conscientização, aumento da empatia e, principalmente, a diminuição e erradicação deste tipo de comportamento.

Hipótese: Existe associação entre variáveis sócios demográficas e intrínsecas ao indivíduo com a orientação sexual e identidade de gênero dos estudantes da UTFPR – CP; Existe homofobia manifesta e sutil no ambiente dos estudantes da UTFPR-CP.

Critério de Inclusão: Estudantes regularmente matriculados UTFPR-CP e que tenham mais de 18 anos de idade.

Metodologia Proposta: Este estudo pode ser denominado como estudo transversal, quantitativo, em que, a partir do momento da aprovação deste projeto no Comitê de Ética em Pesquisa, serão coletados no Sistema Acadêmico da UTFPR os e-mails dos alunos regularmente matriculados na UTFPR-CP. Estima-se que sejam 2806 estudantes. Na sequência será aplicado um questionário e uma escala de homofobia manifesta e sutil (Apêndice B) aos estudantes da UTFPR-CP utilizando um formulário eletrônico (Google forms).

**Endereço:** SETE DE SETEMBRO 3165

**Bairro:** CENTRO

**CEP:** 80.230-901

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3310-4494

**E-mail:** coep@utfpr.edu.br

Continuação do Parecer: 4.283.723

**Objetivo da Pesquisa:**

De acordo com os pesquisadores:

Objetivo Primário: O objetivo desta pesquisa é verificar a associação entre: (i) variáveis sócio demográficas, tais como, sexo, idade, uso de cotas, religião, participação em programas com bolsa, se oriundo de escola pública ou privada, se reside em Cornélio Procopio ou não, etc...; (ii) variáveis que dizem respeito ao convívio familiar e social, tais como, conhecimento e aceitação dos pais com relação a orientação sexual, identidade de gênero, apoio para manter-se na Universidade, acompanhamento psicológico, participação em coletivos, etc. com a orientação sexual e identidade de gênero dos estudantes da UTFPR - CP. Além disso, será aplicada uma escala de homofobia manifesta e sutil.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com os pesquisadores:

Riscos: Ao responder o questionário, o aluno pode sentir algum desconforto devido ao tempo despendido ou até mesmo sentir-se constrangido com alguma pergunta. Portanto, para que eles sejam minimizados sugere-se: i) Que o respondente busque um local reservado para responder ao questionário e sinta-se a vontade para não responder questões que julgue constrangedoras; ii) As respostas são anônimas, ou seja, não há como o pesquisador ser identificado a partir de suas respostas pelos proponentes deste projeto; iii) A UTFPR disponibiliza acesso gratuito de apoio ao aluno, a partir do Núcleo de Acompanhamento Psicopedagógico e Assistência Estudantil (NUAPE), pelo site <http://www.utfpr.edu.br/alunos/servicos/apoio> caso o estudante respondente necessite de suporte neste sentido.

Benefícios: Fornecer aos departamentos competentes da UTFPR-CP e coletivos informações relevantes que possam contribuir e subsidiar o direcionamento de ações que visem contribuir para ações de conscientização e possível erradicação da homofobia no ambiente universitário da UTFPR-CP.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é relevante e atende à Resolução 466/2012.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

**Endereço:** SETE DE SETEMBRO 3165

**Bairro:** CENTRO

**CEP:** 80.230-901

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3310-4494

**E-mail:** [coop@utfpr.edu.br](mailto:coop@utfpr.edu.br)

Continuação do Parecer: 4.283.723

Folha de rosto assinada pelo Diretor-Geral.

Termo de compromisso com as responsabilidades e assinado pelo orientador e pela aluna.

Instrumento de coleta de dados anexado.

TCLE anexado.

**Recomendações:**

De acordo com o parecer consubstanciado 4.242.656 de 27 de agosto de 2020, o projeto apresentava as seguintes pendências, cuja atualização do status se encontra na frente do item:

- 1) Informar ao participante o tempo estimado para responder ao questionário (TCLE). --> ATENDIDO
- 2) Não existe projeto com custo zero. Mesmo que sejam custos mínimos em uma pesquisa online, há a necessidade de energia elétrica, internet, eventualmente alguma impressão, para o tratamento de dados posterior, por exemplo. Rever. --> ATENDIDO
- 3) Conforme o item 2, o ressarcimento também deverá ser revisto em função de alguma necessidade que o aluno participante da pesquisa tenha para responder ao questionário. --> ATENDIDO
- 4) É informado o local da pesquisa presente no projeto. Há uma confusão quando é dito que a pesquisa ocorrerá no Campus CP, sendo que a pesquisa será feita online. É sugerida a revisão. --> ATENDIDO
- 5) No TCLE não deve ter o cabeçalho da instituição. Retirar o cabeçalho do documento .doc. --> ATENDIDO
- 6) Os riscos são informados, porém não há informação a respeito da estratégia de minimização desses. Por se tratar de questões que envolvem intimidade, familiares e possíveis situações conflituosas. Pede-se para avaliar um plano de minimização e inserir no TCLE e no projeto da Plataforma Brasil. --> ATENDIDO
- 7) Atualizar o calendário em função das próximas reuniões do CEP. --> ATENDIDO

**Endereço:** SETE DE SETEMBRO 3165

**Bairro:** CENTRO

**CEP:** 80.230-901

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3310-4494

**E-mail:** coep@utfpr.edu.br

Continuação do Parecer: 4.283.723

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Uma vez que não há mais pendências no projeto, o mesmo encontra-se aprovado pelo CEP-UTFPR.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, o CEP-UTFPR, de acordo com as atribuições definidas no cumprimento da Resolução CNS nº 466 de 2012, Resolução CNS nº 510 de 2016 e da Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se por APROVAR este projeto.

Lembramos aos (as) senhores(as) pesquisadores(as) que o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) deverá receber relatórios anuais sobre o andamento do estudo, bem como a qualquer tempo e a critério do pesquisador nos casos de relevância, além do envio dos relatos de eventos adversos, para conhecimento deste Comitê. Salientamos ainda, a necessidade de relatório completo ao final do estudo. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP-UTFPR de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificado e as suas justificativas.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1600265.pdf	03/09/2020 17:29:35		Aceito
Outros	print_forms2.pdf	03/09/2020 17:28:36	ROBERTO MOLINA DE SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Souza_RM.pdf	03/09/2020 17:19:19	ROBERTO MOLINA DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	03/09/2020 17:16:50	ROBERTO MOLINA DE SOUZA	Aceito
Orçamento	orcamento2_assinado.pdf	03/09/2020 16:18:02	ROBERTO MOLINA DE SOUZA	Aceito
Cronograma	cronograma2_assinado.pdf	03/09/2020 16:16:31	ROBERTO MOLINA DE SOUZA	Aceito
Parecer Anterior	carta_parecer_assinado.pdf	03/09/2020 16:15:55	ROBERTO MOLINA DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinada.pdf	29/07/2020 14:25:55	ROBERTO MOLINA DE SOUZA	Aceito
Outros	instrumento2.pdf	28/07/2020 20:22:09	ROBERTO MOLINA DE SOUZA	Aceito

**Endereço:** SETE DE SETEMBRO 3165

**Bairro:** CENTRO

**CEP:** 80.230-901

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3310-4494

**E-mail:** coep@utfpr.edu.br

Continuação do Parecer: 4.283.723

Outros	CheckList.pdf	25/07/2020 19:15:28	ROBERTO MOLINA DE SOUZA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_compromisso.pdf	25/07/2020 19:13:34	ROBERTO MOLINA DE SOUZA	Aceito
Outros	TCUD.pdf	25/07/2020 19:11:45	ROBERTO MOLINA DE SOUZA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CURITIBA, 17 de Setembro de 2020

---

**Assinado por:**  
**Frieda Saicla Barros**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** SETE DE SETEMBRO 3165

**Bairro:** CENTRO

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3310-4494

**CEP:** 80.230-901

**E-mail:** coep@utfpr.edu.br





**B INSTRUMENTO**

Prezado (a) estudante, obrigado por aceitar participar desta pesquisa. Abaixo são apresentadas 19 questões e uma escala de LGBTfobia manifesta e sutil que podem ser rapidamente respondidas e que serão de grande valia para o sucesso do nosso trabalho.

- 1) Como você se identifica? (cis: pessoa que se identifica com o gênero que nasceu)
  - a. Homem cis;
  - b. Mulher cis;
  - c. Homem trans;
  - d. Mulher trans ;
  - e. Outro: \_\_\_\_\_
  
- 2) Qual a sua orientação sexual?
  - a. Heterossexual;
  - b. Homossexual;
  - c. Bissexual;
  - d. Outra: \_\_\_\_\_
  
- 3) Seu pai tem conhecimento da sua orientação sexual?
  - a. Sim; b. Não
  
- 4) Seu pai tem conhecimento da sua identidade de gênero?
  - a. Sim; b. Não
  
- 5) Sua mãe tem conhecimento da sua orientação sexual?
  - a. Sim; b. Não
  
- 6) Sua mãe tem conhecimento da sua identidade de gênero?
  - a. Sim; b. Não
  
- 7) Possui familiar ou amigo (a) próximo que é LGBTI+?
  - a. Sim; b. Não
  
- 8) Como você se considera?
  - a. Branco;
  - b. Indígena;
  - c. Pardo;
  - d. Preto;
  - e. Amarelo
  
- 9) Qual sua religião?
  - a. Não possui;
  - b. Católico;
  - c. Evangélico;
  - d. Outra: \_\_\_\_\_
  
- 10) Qual sua idade? \_\_\_\_\_

- 11) Possui namorado (a) ou Companheiro (a) ou Esposo (a);  
a. Sim; b. Não
- 12) Você ingressou na UTFPR por algum sistema de cotas?  
a. Sim; b. Não
- 13) Antes de iniciar seu curso superior, já residia em Cornélio Procópio?  
a. Sim; b. Não
- 14) Você tem algum tipo de trabalho formal ou informal?  
a. Sim. b. Não
- 15) Você recebe algum tipo de bolsa por meio da UTFPR?  
a. Sim. b. Não
- 16) Você é oriundo de escola:  
a. Pública b. Privada
- 17) Você depende financeiramente de seus pais / parentes / companheiro, etc para se manter na Universidade?  
a. Sim, parcialmente  
b. Sim, integralmente  
c. Não
- 18) Você faz algum tipo de acompanhamento psicológico, terapia, etc?  
a. Sim b. Não
- 19) Você participa de algum coletivo LGBTQI+?  
a. Sim b. Não

## Escala de LGBTfobia manifesta e sutil

A partir das afirmações abaixo, marque aquela que mais reflete a sua opinião pessoal, sendo:

- 1: Concordo Totalmente;
- 2: Concordo;
- 3: Não concordo nem discordo;
- 4: Discordo;
- 5: Discordo Totalmente

	1	2	3	4	5
1. Existem muitos grupos de LGBTQI+ que pressionam para conseguir cada vez mais direitos, mas os problemas dos heterossexuais são mais importantes.					
2. Os / as LGBTQI+, no fundo, são iguais aos heterossexuais.					
3. Muitos LGBTQI+ têm uma posição social e econômica bastante destacada, mas somente a obtiveram, pela condição e apoio que recebem dos outros LGBTQI+.					
4. Eu não penso que as pessoas LGBTQI+ precisam de medidas ou leis especiais que os favoreçam.					
5. LGBTQI+ e heterossexuais nunca se sentirão bem juntos, ainda que sejam realmente amigos.					
6. Pela sua própria condição, as pessoas LGBTQI+ nunca alcançarão o mesmo nível de desenvolvimento pessoal que os heterossexuais.					
7. Se no futuro tivesse um filho ou filha, não me importaria que ele ou ela fosse LGBTQI+ e tivesse relações íntimas com outra pessoa LGBTQI+.					
8. Se fosse o caso, e em determinadas condições, eu poderia sentir o desejo de ter uma relação sexual com alguém do meu próprio sexo.					
9. No trabalho, não me importaria que um LGBTQI+, com os títulos e a experiência adequada, fosse meu chefe.					
10. Se fosse o caso, não me importaria com que um ou uma LGBTQI+ tivesse relações íntimas com alguém da minha família.					
11. Da mesma forma que os estrangeiros adotam os costumes do país aonde chegam, penso que as pessoas LGBTQI+ poderiam fazer o mesmo e ser mais discretos.					
12. As ideias que as pessoas LGBTQI+ podem passar para uma criança são diferentes das que lhe transmitiria um heterossexual.					
13. Se as pessoas LGBTQI+ se esforçassem realmente para integrar-se a sociedade, não precisariam fazer tantas mobilizações (por exemplo, parada gay) nem se esconder.					
14. Não acredito que haja muitas diferenças entre os valores e ideias das pessoas LGBTQI+ e heterossexuais.					
15. Eu acho que os valores religiosos e éticos das pessoas LGBTQI+ são diferentes aos dos heterossexuais.					
16. Geralmente sinto simpatia pelas pessoas LGBTQI+.					
17. Geralmente sinto admiração pelas pessoas LGBTQI+ que conheço					

Fonte: Castillo et al. (2003); Marinho et al. (2004)